



À descoberta do Arquivo

Um roteiro infantil

O roteiro infantil do Arquivo Histórico que agora nos é apresentado abre as portas às crianças

Texto de PAULA SOFIA FERNANDES*

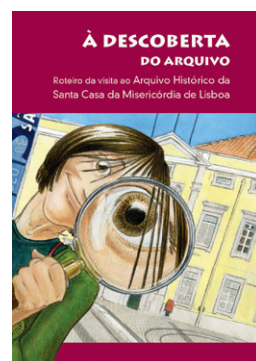
Ilustrador: PeF

Nos últimos trinta anos, verificou-se uma mudança radical nos arquivos de todo o país, quer nos Arquivos Distritais, Municipais, na própria Torre do Tombo, quer nos Arquivos Regionais da Madeira e dos Açores, enfim, no próprio conceito de arquivo, na arquivística, cada vez mais considerada uma ciência e não uma técnica.

De caves de velhos edifícios, sótãos, armazéns, em salas escuras das suas irmãs bibliotecas, que amavelmente cediam parcelas do seu espaço aos seus irmãos mais novos, os arquivos, depressa estes jovens ganharam terreno e cresceram.

Por todo o país começaram a surgir novos edifícios de arquivo, construídos segundo todas as normas necessárias, espaços amplos, agradáveis, acolhedores

para os seus utentes e funcionários e verdadeiros palácios para os pobres documentos. Estes tinham sofrido, durante anos a fio, tudo aquilo que nós arquivistas nos cansamos de dizer que são factores destruidores dos suportes: humidade alternada com calor excessivo, estantes em madeira, bibliófagos com fartura, pó e ácaros de todas as espécies, sujeitos a vários tipos de depredações e flagelos, roubos e danos, a que muitos não conseguiram resistir.



Hoje, grande parte da documentação mais valiosa do país, dos municípios, de várias instituições, como as Misericórdias, repousam, finalmente, em paz, em estantes compactas de metal, com temperatura e humidade minimamente regulada, em grande parte acondicionada em caixas livres de ácido, podendo, desta forma, desafiar a ampuilha do tempo por gerações e gerações.

Os próprios funcionários destes baús de memórias mudaram. Grande parte deles são funcionários com formação específica, dominando desde a paleografia à digitalização, com meios informáticos adequados ao seu dispor, discutindo *softwares* ideais para a recolha de informação. Longe estão os funcionários que eram colocados nos arquivos porque eram mais esquisitos, pouco sociáveis, ou bichinhos estranhos que adoravam passar horas a fio longe do mundo, mergulhados em papéis velhos, vivendo um tempo que já não era o seu.

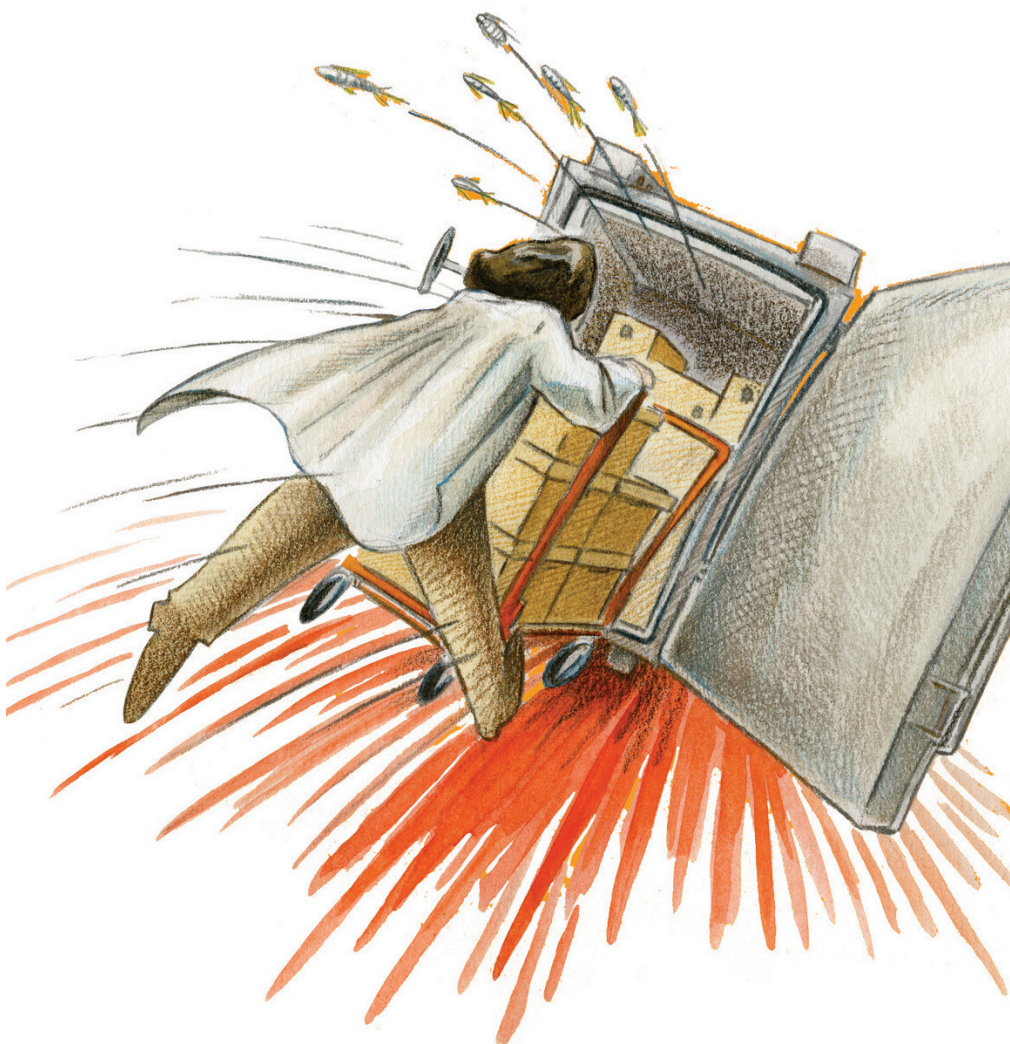
Hoje, os “papéis velhinhos” ainda nos fascinam, já não como curiosidades, mas sim como informação preciosa para ser divulgada, difundida, dada a conhecer, fonte histórica primordial, valiosa no seu sentido probatório, forma de defendermos os valores, princípios, ideais e feitos de um país, comunidade, empresa, instituição ou pura e simplesmente de uma família, ou de um indivíduo.

Multiplicam-se assim, as formas de tornar estes acervos acessíveis a todos, quer abrindo as portas das suas salas de leitura, agora mais amplas e confortáveis, quer divulgando através da digitalização dos documentos e da Internet, permitindo a pesquisa documental à distancia

de um simples clique. De baús fechados, abertos a medo para um pequeno número de iniciados, tornaram-se em palácios do conhecimento que a si chamam todas as camadas da sociedade e de várias faixas etárias.

Com todas as condições criadas, havia agora que franquear as portas a novos públicos, mudar mentalidades, fazer a informação chegar a todos, ou pelo menos, mostrar que o nosso património arquivístico é de todos e para todos.

Praticamente toda a população portuguesa, de Trás-os-Montes ao Algarve, do litoral ao interior, crianças e idosos, conhecem os



De caves de velhos edifícios, sótãos, armazéns, em salas escusas das suas irmãs bibliotecas, que amavelmente cediam parcelas do seu espaço aos seus irmãos mais novos, os arquivos, depressa estes jovens ganharam terreno e cresceram

serviços prestados pelas bibliotecas, em todas as suas vertentes: hora do conto, tertúlias com escritores, bibliomóveis. De facto, as nossas irmãs bibliotecas uniram-se essencialmente às escolas, num importante combate contra a iliteracia, que tem dado importantes frutos, essencialmente nas camadas etárias jovens. No que se refere aos museus, o mesmo tem acontecido, toda a população conhece os serviços prestados pelos museus e hoje podemos verificar que praticamente todas as localidades, mesmo a nível da freguesia, têm o seu espaço museológico.

As visitas de escolas são frequentes a esses espaços e deparamo-nos com um tão vasto leque de actividades para crianças nos museus, que vão desde as festas de aniversário, aos ateliers, aos dias dedicados à família.

A oferta educativa das bibliotecas e museus é gigantesca, ficando os arquivos praticamente esmagados.

Como chegar às crianças? Que podíamos nós arquivistas fazer para incluir a palavra “Arquivo” nas escolas?

Apesar de todas as mudanças e avanços na arquivística, esta continuava no início do séc. XXI a ser só para alguns, lugar sacralizado pelas mentalidades, hermético, guardador de tesouros e segredos, com informações valiosas para doutores e mestres, proibido a menores ou leigos.

Surgiu, assim, a necessidade de mudar mentalidades e franquear as portas a todos, convidar a população a entrar não chegava, havia que ir até às pessoas e mostrar que a informação que nós detemos é o nosso património e pode e deve ser usufruído por todos.

A melhor forma de o fazer era

Com todas as condições criadas, havia agora que franquear as portas a novos públicos, mudar mentalidades, fazer a informação chegar a todos, ou pelo menos, mostrar que o nosso património arquivístico é de todos e para todos

sem dúvida, através das crianças. As suas cabecinhas despoluídas, livres de preconceitos e frases feitas, seriam os receptáculos privilegiados para a nossa abertura. Assim, vários arquivos pelo país fora, nomeadamente, o Arquivo Municipal de Penafiel, o Arquivo Municipal do Porto – Casa do Infante, o Arquivo Municipal de Lisboa, o Arquivo Regional da Madeira, entre outros, iniciaram várias actividades com vista a projectos de acção educativa. Muitas vezes, sem meios e sem um planeamento consistente, as ideias iam surgindo, recorrendo ao pessoal existente, aos estágios e aos poucos meios ao dispor.

Do improviso foi-se passando gradualmente ao planeamento e a um trabalho de cooperação com as escolas. Evidentemente que, se pretendíamos chegar às crianças, teríamos que chegar às

escolas e afirmarmo-nos perante os agrupamentos e professores como parceiros num objectivo comum: o enriquecimento cultural das crianças e jovens.

Na procura de soluções, em Maio de 2006, a Associação de Amigos do Arquivo de Penafiel, juntamente com o pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Penafiel, realizou umas jornadas intituladas “Serviços Educativos e Culturais nos Arquivos e Bibliotecas”. Estas jornadas, com a duração de três dias, contaram com a presença de vários profissionais, nomeadamente arquivistas e bibliotecários que se têm destacado nestas áreas, de norte a sul do país e ilhas e que amavelmente mostraram os projectos que tinham vindo a desenvolver e que pretendiam levar a efeito. Nessas mesmas jornadas contámos com a presença de alguns museus que,





por terem uma experiência mais avançada na área, nos alertaram para as dificuldades e caminhos a trilhar.

Penso que esta partilha e diálogo foram muito proveitosos, pois na troca de experiências e ideias se avançou com mais determinação e se impulsionou muitos outros colegas que ainda não tinham podido arranjar condições para trilhar esse caminho. Evidentemente que, quando se desbravam caminhos desconhecidos, é muito mais fácil e seguro fazê-lo em conjunto.

Assim, de visitas esporádicas e a medo marcadas por meia dúzia de professores de História, passamos para visitas sistemáticas, contínuas, programadas, de várias escolas e de vários graus de ensino, desde o pré-primário, aos cursos técnico-profissionais ou superiores. As marcações deixaram de ser feitas só pelas

Como chegar às crianças? Que podíamos nós arquivistas fazer para incluir a palavra “Arquivo” nas escolas?

professoras de História, mas também pelas professoras do ensino básico, pelas educadoras de infância, pelas professoras de Português, pelos professores de cursos de turismo, técnicas administrativas, enfim, de vários campos e fases do saber.

A nossa meta está a ser atingida, um arquivo para **Todos**.

Velhos do Restelo, houve vários:

– Que não era a nossa função;

– Que interesse podiam ter as crianças em livros velhos com caracteres indecifráveis?

– Que aborrecimento para os mais pequenos passearem em corredores intermináveis com tombos e papéis;

– Já não falando nos fundamentalistas da conservação, que auguravam desastres irreparáveis para os documentos num convívio com mãozinhas pequenas, ávidas de novas experiências.

Contudo, tem-se provado que é possível e muito útil para todos ter as crianças nos arquivos. Os conhecimentos por eles adquiridos, o interesse demonstrado pelas escolas, ao mesmo tempo que muitas crianças nos têm servido como fantásticos interlocutores com os mais velhos. Posso mesmo revelar que, crianças houve, que trouxeram ao Arquivo, pela mão, os seus

pais para conhecer este espaço e outras crianças que convenceram os pais a depositar o espólio documental da família no Arquivo.

Não colocando de parte, os historiadores que sempre convivem connosco, encontrámos outros parceiros ideais.

No entanto, as visitas por si só não chegam. As visitas ao Ar-

**Do imprevisto
foi-se passando
gradualmente
ao planeamento
e a um trabalho
de cooperação com
as escolas**

quivo darão os seus devidos frutos se forem precedidas por um trabalho nas escolas sobre todos os temas que podem depois ser desenvolvidos nas visitas, e deverão em seguida ser devidamente sedimentados com um trabalho posterior à visita, feito em contexto de sala de aula e de trabalho individual ou de grupo.

O roteiro da visita ao Arquivo Histórico da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, intitulado “À descoberta do Arquivo”, é, de facto, um instrumento basilar e de enorme importância para que esse trabalho de fundo seja realizado.

Este roteiro é um importante instrumento de apoio às acções do Serviço Educativo do Arquivo Histórico, mas poderá ser também um instrumento bási-

co e útil para um trabalho nas escolas, quer nas aulas de História, quer nas de área projecto, em Português ou mesmo em Educação Visual e Tecnológica ou Desenho.

Através deste roteiro, as escolas poderão preparar atempadamente a sua visita ao arquivo, sabendo concretamente o que esperam dela, e que pontos fulcrais querem que daí saiam salientados.

Numa visão do ensino cada vez mais interdisciplinar, a fruição da visita ao arquivo deve ser feita neste contexto, podendo vários professores estabelecerem-se como mediadores entre crianças e os arquivistas, desenvolvendo os conhecimentos adquiridos, tornando-os informação útil e em instrumentos





de trabalho. Este roteiro, executado com a coordenação de Francisco d'Orey Manoel, com um texto acessível e agradável de ler, completíssimo, quer nos conceitos ligados à arquivística, quer à história, da autoria de Nelson Moreira Antão. Por último, mas não menos importante, a ilustração de Pedro Fernandes e o design gráfico de Catarina França, irrepreensíveis, com a coordenação editorial da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa. Ao nível da ilustração, estão aqui todos os pontos-chave para que uma criança ou jovem se sinta tentado a levar este livro para casa: cor, expressividade e realismo.

O roteiro inicia-se, assim, com as Boas-Vindas aos estudantes, explicando concretamente o que é um arquivo, por contraponto à biblioteca, instituição que as crianças já tratam por “tu”. E que melhor forma para explicarmos o que é um arquivo do que o compararmos

aos arquivos pessoais que todas as crianças têm e nos quais vão guardando, sem saberem muito bem porquê, as suas caixinhas pessoais de segredos, fotografias e bilhetinhos, e que mais não são do que arquivo?

Mas, o Arquivo da Santa Casa da Misericórdia tem uma função dupla, para além de se dar a conhecer como um arquivo, suporta o peso de 513 anos de história. A história da caridade, pobreza, das massas anónimas de desfavorecidos, ajudados por um grupo de nobres e oficiais que por “amor de Deus”, os proviam, reside nos seus depósitos. Assim, este roteiro também vai explicar aos jovens o que é e o que foi a Santa Casa da Misericórdia, fonte de informação preciosa e sobre a qual cada vez mais se debruçam inúmeros estudos científicos. Desta forma alegre e descontraída, dois simpáticos jovens convidam a entrar no Arquivo Histórico. São eles a Ana e o Quim, dois es-

As visitas ao Arquivo darão os seus devidos frutos se forem precedidas por um trabalho nas escolas sobre todos os temas que podem depois ser desenvolvidos nas visitas, e deverão em seguida ser devidamente sedimentados com um trabalho posterior à visita, feito em contexto de sala de aula e de trabalho individual ou de grupo



tudantes que, neste roteiro, nos guiam através das instalações de uma forma muito simples, com uma linguagem direcionada para estudantes de palmo e meio, explicam a transferência do arquivo da Santa Casa que vai perdendo o seu valor administrativo para o Arquivo Histórico, a importância da sua organização e acomodação.

As salas de leitura, onde vários investigadores fazem consulta, contribuindo para o avanço de várias ciências, a importância dos instrumentos de recuperação de informação, para que se possam conhecer as tipologias documentais existentes, bem como as unidades de instalação onde são guardados. Toda esta informação cheia de conceitos novos para as crianças é aqui difundida pelo olhar atento e curioso destes dois nossos amiguinhos.

A sala de expurgo e a sala de

higienização também são retratadas aqui, os bibliófagos e a acidez dos materiais são temas apresentados neste roteiro com uma explicação fácil e interessante, tema este que pode depois ser trabalhado em disciplinas como Ciências da Natureza, Biologia e Físico-Química, permitindo a interdisciplinaridade já focada.

Noções de temperatura e humidade e os termo-higrógrafos são-nos apresentados pela Ana e podem depois também ser desenvolvidos nas salas de aula, mesmo a nível de 1º. Ciclo, pois proporcionam experiências fantásticas com o papel, recorrendo à água ou calor e à luz solar.

Este roteiro é um guia auxiliar de visita precioso, mas a sua leitura, mesmo que não se tenha visitado o arquivo, apesar de evidentemente não a substituir, é fantástica, interessante e repleta de informação, permi-

tindo que jovens estudantes de zonas geográficas afastadas de Lisboa, impossibilitados de lá se dirigirem, fiquem a conhecer um pouco este espaço e as suas características.

Os próprios passatempos e curiosidades existentes no roteiro, permitem aprofundar estes conhecimentos e, quem sabe, colocar nas crianças o “bichinho dos documentos”, ou pelo menos, o despertar para esta nova ciência. ■

**Responsável do Arquivo
Municipal de Penafiel*